

Muitos têm sido os que aduzem, neste romance de José Cardoso Pires, uma espécie de «ajuste de contas» com a sua geração.

# Alexandra Alpha

## Um romance crepuscular

Ramiro Teixeira

Como todos os escritores, José Cardoso Pires não foge à caracterização das suas personagens com diversificadas doses da sua própria personalidade e experiência de vida. Estamos em crer, todavia, que esta dose de si próprio jamais foi relatada com a intensidade que vislumbramos em «Alexandra Alpha», apesar de tal asserção não ser objectivamente identificável no percurso das quase 500 páginas de texto. A aparente dicotomia do que aqui expressamos se explica pelo facto de José Cardoso Pires ter concebido este romance, melhor, as suas personagens, através de múltiplas pulverizações de figuras e factos que foram do seu conhecimento directo, o que permite ao cidadão/leitor activo descodificar algumas delas. Em qualquer caso, à margem deste pormenor, personagens há que, pela sua específica tipologia, passam a pertencer à galeria das figuras literárias indeléveis, como são os casos de, pelo menos João das Berlengas e Sebastião Opus Night.

Por tudo isto, direi que este romance constitui um vasto repositório de uma geração que, apesar de tudo, teve a felicidade de usufruir um estatuto de vida ímpar, mercê de um conjunto de vectores que amorteceu, digamos, o choque com os valores europeus.

Esse tempo, que é o final da década de 50 e o começo da de 60, permitiu a essa geração o «luxo» de uma auto-marginalização, tanto pela via da mitificação do provincianismo, que jamais deixou de cultivar como forma compensatória às fraquezas próprias, quanto pela via da exaltação cosmopolita, que a promovia a seus próprios olhos, circunstância generosamente facilitada pelo facto de ser nessa época que Portugal foi descoberto pelos europeus, os quais, pela exaltação excessiva do (falso) folclore que aqui se lhes deparava, muito contribuíram para a inversão dos valores. E isto se verificou por duas vias: a primeira, pela descoberta de «um mundo perdido», de raras paisagens, marítima e solar, indexado a vivências arcaicas; e a segunda pela outra descoberta de quão este estado primitivo se mostrava receptivo à admiração alheia, até ao ponto de abastardar a sua específica identidade, através da ânsia que exhibia pela colonização cultural e económica daqueles que nos visitavam — aliás, parte desta temática havia já sido expressa em «O Anjo Ancorado», em 1958.

Esta conjectura epocal veio a servir uma elite que, tanto pelo perfil académico, quanto pela ascendência familiar e relações sociais, acabaria por ser contemplada com uma existência social de gama alta, pois era a única que se apresentava com o apetrechamento necessário para fazer a

ponte entre os de dentro e os de fora.

Eis, pois, a temática de parte importante deste romance que, antes de mais, trata de uma vasta galeria de seres bem instalados, burgueses e intelectuais, vivendo de rendimentos e da jovem tecnocracia promocional da área dos serviços (televisão, agências de publicidade, fundações, etc.) ou, ainda, do alto funcionalismo, todos, contudo, irremediavelmente «ancorados», ou «encalhados» em bares «crocodilos», metáfora das suas próprias posturas existenciais, reclamando/chorando uma liberdade e democracia de falsa consciência, já que toda a acção se resumia ao dispêndio de um capital precioso em ironias de circunstância, análises políticas requentadas e elásticas, ou em levantamentos de cultura popular de resultados duvidosos, como o de teatro de fantoches ou o da recuperação da actividade circense, vivendo sempre em falsa esperança, em falso estado de «gravidez», de que é símbolo bem identificativo a suposta, mas sempre renovada, prenhez de Sophia Bonifrates!

Eles constituem, afinal, a massa dirigente de um «país inventado», na medida em que ao questioná-lo por desfastio, ao servirem-se dele como pretexto para a exibição das suas brilhantes ideias e raciocínios, acabam por lhe negar a existência real, actuando de parceria com a outra componente do país, indigente, que metaforicamente era faquir (Faquir = indivíduo que em espectáculos pratica sobre si actos de natureza molesta, ou deixa praticar, sem dar sinais de sofrimento), exibindo as tatuagens da guerra colonial em gloriosa exaltação!

Que é este canto de falsas glórias, senão o canto de um fado duplamente mudo, seja porque as vozes que o cantam não são legítimas, ou porque o sendo acabam por ficar sem voz?!

Uma geração vencida? Se sim, que a paralisa? A formação cultural que a divorciou do vulgo? O apego aos valores consuetudinários? A consciência de perseguir ideais demasiado «excessivos» e portanto utópicos?

Mais do que tudo, responderá o comodismo, o disfrute das boas situações, incompatíveis com as atitudes generosas, e também a cautela, o medo, e o conseqüente cepticismo, tudo formas subitas do garante de estatuto privilegiado, enfim, a existência dúplice e sofisticada entre o altruísmo e o egoísmo, a ilusão e a realidade.

Desta forma, o apaziguamento das consciências se construiu pela via da inacção, forma prática de conciliar as dicotomias e de relegar as transformações urgentes para a crença da marcha irreversível da história, do acaso redentor...

Mas este corajoso e bizarro

Cardoso Pires visto por Pomar. 1949.

ajuste de contas, com os homens e mulheres que identificaram este país até ao 25 de Abril, não se fica por aqui, pois a capítulo são todos chamados, antes e depois deste marco da nossa existência. Talvez, mesmo, mais à geração que o procedeu do que à anterior. Por isto mesmo é que, quando o tal acaso ocorre, quando o retorno histórico se cumpre, se instalam a confusão e a impreparação dos intervenientes no processo em curso, todos solicitados mais pelo clima emocional e pelo sentido oportunístico em que estão super-exercitados, do que, propriamente, pelas grandes decisões conscientes. Nesta perspectiva, a tão ambicionada «normalização» da vida política portuguesa tem aqui a sua génese antecipada, quer pela via do imobilismo a que a ditadura nos havia habituado, quer pelo anarquismo que lhe sucedeu, movimentos estes que, apesar de opostos, acabam por convergir no tempo.

Chegado aqui, não posso deixar de notar a similitude temática deste romance de José Cardoso Pires com a obra de Augusto Abelaira, um outro escritor de personagens dúplices, «desertoras das suas próprias consciências», caracterizadas exactamente pela inércia e funda às decisões, pelo cepticismo e pelo receio de correr riscos, tanto nos aspectos político-sociais quanto nas aventuras amorosas. Trata-se de uma asserção curiosa, bem reveladora do «status» existencial do nosso intelectualismo, que viveu o drama da problemática da consciência político-social da época sem encontrar escapadela satisfatória, ainda que, a separá-los, subsista o que de fundamental os distingue — é que enquanto Augusto Abe-

laira é um relator de ideias, José Cardoso Pires é um criador de personagens e ambientes. Quem, no que diz respeito a personagens, poderá esquecer Sebastião Opus Night ou João das Berlengas? E o engenheiro de «O Delfim» ou o Elias-Chefe de «A Balada da Praia dos Cães»? E o mesmo teremos de considerar relativamente aos ambientes — sejam os de bares «crocodilos» (recriação «fac-similada» dos espaços que o escritor frequentou nos velhos tempos do «Almanaque» onde, entre outras rubricas, mantinha uma secção de informações sobre bebidas e barmans — lembram-se?) ou os da gafeira, moldura de «O Delfim», ou, finalmente, o espaço fechado da vivenda de «A Balada da Praia dos Cães», que é, em rigor, a entidade imaterial que vai desencadear o drama e abrir a crise entre as quatro personagens que nela se refugiavam, estabelecendo o clima que evoluiu da confiança plena para a suspeita, da verdade para a mentira, da unidade colectiva para o ensimesmamento individual, enfim, da amizade para o ódio!

Há livros e livros e escritores e escritores. A José Cardoso Pires bastam-lhe somente estes três títulos para o catalogar como romancista de inegável mérito. E não somente pelas razões aqui expendidas. Mas também pela técnica narrativa que aplicou nas suas construções, particularmente inovadora em «O Delfim»!

Não vou agora referenciar detalhadamente este romance; todavia, não quero deixar passar em conta nem a fatalidade temporal de existência humana da geração que trata, nem, tão-pouco, essa outra fatalidade, para alguns, de um regime político-económico que congregou a esperança de

Um romance crepuscular, já que nele não sobrevive a esperança de os «novos» resgatarem as ilusões, falências e frustrações dos «velhos».

pretendo dizer é que «O Delfim» se revela como a produção literária mais afim à temática do «novo-romance», já que não registado, entre nós, exemplo tão superlativo quanto este da técnica da engenharia romanesca...

Retornando, entretanto, à reflexão que a segunda parte de «Alexandra Alpha» me proporciona, isto é, à ideia de que este romance invectiva particularmente a geração que deu continuidade ao 25 de Abril, que verificamos? Aparentemente, todos adquirem uma nova identidade, sobrepondo os valores colectivos aos individuais. Logo, porém, são-nos mensurados factos de estranha representação: «Alexandra ficou assombrada: dois cegos a viverem um festival de cravos e de multidão» (pág. 349). Qual as descodificação deste fenómeno? Será que os cegos ganhavam visão (e os cantores do fado mudo voz...), ou será que aqueles que a possuíam eram conduzidos como se cegos fossem?

À margem, porém, de toda a matéria especulativa — e muita é — o facto único que podemos assegurar é que José Cardoso Pires arriscou um depoimento de identificação com o país real verdadeiramente surpreendente, talvez porque relativiza a intervenção deste livro-acto numa outra intervenção mais ampla, que é a de forçar a avaliação do nosso específico comportamento humano com a relatividade do sentido histórico. Porque, se «uma parte da nossa geração não viveu enquanto se ia vivendo», para citarmos Eduardo Lourenço, não menos certo é que o mundo velho não morreu aos pés do novo. De resto, todas as revoluções se esgotam após a breve fase dinâmica que lhes dá o ser. A este sentido de historicidade não escapou a nossa experiência, como não escapou a «revolução» de Maio de 68, em França, ambas confrontadas com a mesma resistência passiva e com o mesmo equívoco alienante. Apesar de tudo, o mundo mudou e a felicidade continua a pensar-se como possível. A sua precariedade constituiu, afinal, a sua força. «Alexandra Alpha» celebra-a e exalta-a da forma que é capaz, e, creio, isto lhe basta para justificar a sua valia. Em todo o caso, muitos têm sido os que aduzem, neste romance de José Cardoso Pires, uma espécie de «ajuste de contas» com a sua geração, entendendo-se esta ilação mais sobre comportamento desta após o 25 de Abril do que relativamente ao período anterior. Não me atrevo a desdizer a conjectura. Mas algo de inequívoco nele se estabelece que me leva a considerá-lo como um romance crepuscular. E, ao afirmar isto, não tenho em conta nem a fatalidade temporal de existência humana da geração que trata, nem, tão-pouco, essa outra fatalidade, para alguns, de um regime político-económico que congregou a esperança de

milhões de seres humanos ao longo de mais de setenta anos ter falido mas a falta de perspectiva de geração pós 25 de Abril, que não resgatou a anterior à luz das convicções políticas do autor — pelo menos à data da feitura deste romance.

Nesta ordem de ideias, é curioso registar o facto de, nesta vasta galeria de personagens que trespassa o romance, só Beto pertencer à nova geração.

Aparentemente condenado a uma existência de subalternidade social, dela é salvo pela adopção de Alexandra, que o recolhe e cuida como se filho seu fosse. Estranho e complexo é todavia o seu percurso, sendo de lamentar que José Cardoso Pires não o dotasse de um mais vigoroso perfil psicológico, ou, pelo menos, não aclarasse melhor algumas sugestões definidoras do seu comportamento. Uma coisa, porém, é certa: Beto, a quem é dada uma instrução privilegiada, mostra-se um herdeiro directo do sentido egoístico e irresponsável da geração que lhe dá o ser e o enforma. Isto é evidente, por ex., na forma como reage ao conhecimento de que engravidou a sua «amiguinha», limitando-se a dizer-lhe, lá das lonjuras de Escócia, onde estuda, que «okay», que quando voltasse logo se via...», sabendo de antemão que quando voltasse nada haveria a fazer e que a garota, no entanto, iria procurar Alexandra para resolver o problema. Irresponsabilidade ou mera afirmação de ser?

Vejam: um tal procedimento, quer seja do foro psicológico, isto é, tão-só reflecta uma atitude de afronta e de desafio perante Alexandra, que antes de ser madrastra constitui o objecto sexual desejado e no qual colabora, ainda que inconscientemente, oferecendo-se e negando-se por interpostas atitudes; quer reflecta somente uma atitude de juvenil egoísmo, ou, ainda (e porque não?) a consciência de que a juventude está a «borrifar-se» para os grandes ideais, ausentam Beto da existência do país, real ou inventado, dotando-o, afinal, da mesma existência concentracionária e da igual ausência de análise judicativa sobre os problemas da nação que caracterizou a geração anterior. Quão longe ele está, por ex., da atitude do «doutorzinho», que se perde no movimento colectivo revolucionário, abdicando de si...

Isto, a meu ver, é que marca irremediavelmente «Alexandra Alpha» como um romance crepuscular, já que nele não sobrevive a esperança de os «novos» resgatarem as ilusões, falências e frustrações dos «velhos».

Eis, finalmente, porque no final destas considerações não resisto ao questionar da grande questão que José Cardoso Pires a si próprio colocou um dia — «E agora, José?» — sem, com isto, diminuir o valor e a fraqueza do seu depoimento.

